

6-2004

Espiritualidade Latino-Americana para o nosso tempo. Uma lição para o resto do Mundo?

David Regan

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Regan, D. (2004). Espiritualidade Latino-Americana para o nosso tempo. Uma lição para o resto do Mundo?. *Missão Espiritana*, 5 (5). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol5/iss5/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

espiritualidade latino-americana para o nosso tempo. uma lição para o resto do mundo?

Com o andar dos anos, a comunidade cresceu no conhecimento da Bíblia, na convicção dos Direitos de seres humanos, de serem filhos de Deus, no respeito mútuo, no amor e na partilha de bens. Os responsáveis dos diversos serviços da comunidade brotaram e cresceram neste ambiente de fé encarnada na experiência.

Para que antigos escravos possam viver na liberdade e sentir-se responsáveis da sua própria vida, é preciso sujeitar-se a uma aprendizagem. Tal como sucedeu com os israelitas no deserto, a liberdade não cai do céu, vem sempre acompanhada da tentação do desânimo e do retorno à miséria já conhecida.

Como ser homem espiritual sem renunciar à cultura da prosperidade é um problema próprio da espiritualidade do Primeiro Mundo. Como ninguém pode servir ao mesmo tempo a Deus e o Dinheiro, ser cristão exige uma opção clara.

É verdade que na América latina se dá o escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados, um fosso que tende a aumentar e que se deve em parte a uma cultura não criticada, nominalmente católica.

Uma vez que as vítimas ganharam consciência da sua situação e gritaram por socorro, é sinal que o processo de libertação, embora longo e difícil, já teve início.

Na América Latina está a crescer um tipo de espiritualidade original no seio de comunidades de gente pobre. Quero, em primeiro lugar, apresentar um exemplo típico, tirado do ambiente brasileiro e com-

* David Regan, missionário espiritano, da Província da Irlanda, trabalhou em São Paulo no Brasil. A fonte de inspiração para o artigo é o livro: Gutiérrez, Gustavo (1989). Beber en su próprio Pozo. Salamanca: Ediciones Sigueme

parar alguns dos seus aspectos com aquilo que, como católicos, classificamos de espiritualidade para verificar se será correcta a afirmação feita - Uma espiritualidade latino-americana. Em terceiro lugar espero poder mostrar como tal tipo de espiritualidade é importante para o resto do mundo.

“Uma
espiritualidade
latino-americana”

Um caso exemplar

No ano de 1972, no Instituto Nacional de Pastoral, no Rio de Janeiro, durante um curso, foram distribuídos exemplares do livro de Gustavo Gutiérrez, Teologia da Libertação que tinha sido então publicado, mas com a recomendação de que não se mostrasse em público, por exemplo nos autocarros, uma vez que, nessa altura, a ditadura militar controlava todo o Brasil. Leonardo Boff e outros teólogos ajudaram-nos a apreciar os escritos de Gustavo Gutiérrez. Só alguns anos mais tarde, é que eu encontrei membros de pequenas comunidades (Comunidades de Base) que, dia a dia faziam a experiência duma força libertadora que transformava as suas vidas. Um exemplo de tal transformação vai ajudar a explicar o que pretendo dizer.

No início da década dos anos oitenta, dois sacerdotes da Bretanha, que trabalhavam no Norte do Brasil, foram parar à prisão onde permaneceram vários anos. Mais tarde foram expulsos do Brasil acusados de subversivos. O seu «crime» fora o de terem encorajado algumas famílias pobres a resistirem aos que tentavam expulsá-los das pequenas parcelas, onde tinham vivido os seus antepassados, no interior da selva, desde dezenas de anos atrás. O caso dos sacerdotes foi finalmente levado ao Supremo Tribunal, onde os Juizes aproveitaram a ocasião para pregar a todos os bispos membros da Conferência Episcopal, sermões bem compridos contra a “subversão”, insistindo na necessidade da obediência à autoridade estabelecida.

“defesa dos
valores cristãos,
tradicionalis
no Ocidente”

(Nunca foi posta em questão a legalidade do Governo militar, formado por elementos da extrema direita que tinham dado um golpe de Estado - *Somos o Governo porque vencemos*. O golpe foi bem sucedido, era afirmação que legitimava a vitória dos Generais; além disso mencionavam a defesa dos valores cristãos, tradicionais no Ocidente).

Os dois missionários mencionados viviam longe da área ocupada pelos camponeses, que tiveram de enfrentar pelotões de homens armados, alguns deles membros da polícia, contratados pelos grandes fazendeiros que ambicionavam os campos arroteados e lavrados pelos camponeses emigrados. Normalmente os camponeses iletrados não oferecem resistência à invasão violenta; preferem abandonar o terreno ocupado, emigrar para outra zona da floresta, e iniciar outro processo de ocupação legal da terra, ou seja um período de dez anos de duração. Ao fim e ao cabo tal solução, a fuga, sempre era menos perigosa do que expor-se a ser atingido por tiros nas costas durante o trabalho nas lavras. Mas desta vez o grupo resistiu, permaneceu unido e firme em frente das ameaças e dos tiros.

Intrigados por semelhante maneira de resistir à opressão violenta, as autoridades militares usaram a sua Polícia Secreta para dar com os mentores de tal resistência nada habitual por parte de camponeses pobres normal-

mente timoratos. Não é preciso acrescentar que os ditos espíões estavam mal apetrechados para discernir a acção do Espírito Santo. A pergunta sobre quem seriam os elos que no extremo da corrente tinham sido os causadores de tal movimento subversivo, no seio destes pobres camponeses, encontrou finalmente uma resposta. Tinham de ser esses sacerdotes que mensalmente visitavam a comunidade para participarem, com a comunidade, numa reunião de reflexão e oração agendada pelo grupo; a presença do sacerdote enriquecia a reunião com a Eucaristia. Com o andar dos anos, a comunidade cresceu no conhecimento da Bíblia, na convicção dos Direitos de seres humanos, de serem filhos de Deus, no respeito mútuo, no amor e na partilha de bens. A maneira de encarar a vida tinha mudado totalmente através da experiência de vida em comunidade em que estavam inseridos. Os responsáveis dos diversos serviços da comunidade brotaram e cresceram neste ambiente de fé encarnada na experiência.

Aqui está um exemplo, elucidativo, duma comunidade que fez a experiência da força, nada ruidosa, do Espírito, num ambiente de privações, de desprezo, já rotineiro, a que estavam habituados. Através dos seus sofrimentos de quase-escravos, desconhecedores dos Direitos que a Lei lhes outorgava, subalimentados, carentes dos serviços normais da saúde e da Escola, estes membros das pequenas comunidades sentiram-se enriquecidos pela Palavra de Deus que eles partilhavam e que iluminava a sua penosa via-sacra e que deixava entrever o trajecto a percorrer na fé e no amor mútuos. As celebrações festivas, litúrgicas mas não só, (qualquer pretexto serve para organizar uma festa) ensinam-nos que a alegria pode ter cabimento num ambiente de sofrimento (que não devemos confundir com acabrunhamento), uma vez que a alegria é um dos frutos mais apreciados do Espírito Santo.

O agente pastoral, vindo de fora, ajudou certamente o grupo a descobrir as riquezas da Bíblia e a mostrar a sua importância para a vida de cada dia; mas essa experiência só se transformou em espiritualidade a partir do momento em que os membros da comunidade assumiram a responsabilidade das suas vidas em comum e começaram a viver uma solidariedade nova, amando-se e partilhando a vida uns com os outros, com ou sem a inspiração daquele membro que aceitou ser responsável do grupo. A conversão gradual dos membros fez com que a experiência do Espírito, agora renovada, seja a mola real das suas vidas.

Uma espiritualidade de comunhão

A espiritualidade, nada comum, desenvolvida nessas comunidades, não é de tipo individualista, como normalmente tem sido até agora. É uma espiritualidade de comunhão (partilham-se bens, perigos, ideais num grau que ultrapassa os arranjos de partilha conseguidos até nos retiros de religiosos, e que se confundem com o conceito de comunidade nas casas religiosas), só compreensível no ambiente da comunidade que vive tal espiritualidade. Não é elitista, quer dizer, só acessível aos membros de alguns grupos da Igreja, sejam eles religiosos ou leigos. Pessoas simples, quase sem eira nem

“Através dos seus sofrimentos de quase-escravos, desconhecedores dos Direitos que a Lei lhes outorgava”

“estes membros das pequenas comunidades sentiram-se enriquecidos pela Palavra de Deus”

“O ponto de partida para esta aventura espiritual foi a experiência de serem uma comunidade sofredora”

beira, vítimas duma sociedade rica e egoísta, fazem a descoberta de que por causa da sua fraqueza, não apesar dela, são os preferidos de Deus. Uma vez adquirido um certo grau de consciência da sua situação de marginalizados, excluídos da sociedade, eles gritam ao Senhor a pedir-Lhe que lhes deite a mão, como outrora fez com o seu povo no Egípto; que inspire, talvez, um de entre eles para que aceite assumir as funções de Responsável. A experiência que Israel teve de “comunidade”, a quando da sua libertação fruto da intervenção de Yavé, tem sido, nos nossos dias, o paradigma inspirador de muitos destes grupos da América Latina. Tal como no caso do Êxodo, as circunstâncias sociais, políticas, económicas não transformam tal experiência numa realidade ‘laica’: de princípio ao fim os participantes no drama são conscientes de que se trata duma experiência religiosa, de que Deus é o autor. Os egípcios, tal como no nosso caso, os ditadores brasileiros, certamente fizeram uma leitura diferente do acontecimento, por exemplo ao catalogá-lo como ameaça à sua autoridade.

O ponto de partida para esta aventura espiritual foi a experiência de serem uma comunidade sofredora, farta de privações, vilipendiada pela crueldade e desídia de outros seres humanos. O conforto do Espírito nessa subida para o calvário é a resposta aos gritos lançados a Deus que, segundo a nossa fé, sempre salva os que n’Ele confiam. A oração e o lugar de Deus na vida - características muito comuns a povos de cultura sobretudo oral - não são experiências pontuais que acontecem num compartimento, mas experiências bem vivas que determinam toda a vida. A penitência comunitária está garantida pela partilha dos bens entre os membros da comunidade. A situação constante de perigo e os medos daí resultantes são um estímulo à oração e à confiança cada vez mais firme em Deus. As leituras e a meditação da Bíblia suscitam um novo apreço por Jesus Cristo, a sua doutrina, os seus sofrimentos; a opção livre de Jesus que decidiu partilhar as vicissitudes dos empobrecidos à força, encaixa perfeitamente com a vulnerabilidade a que eles não podem escapar.

Os membros das pequenas comunidades facilmente identificam o momento em que descobriram que a pertença à comunidade de fé transformou as suas vidas. A sua conversão, talvez desapercibida para outros, ficou bem gravada por eles.

Uma espiritualidade de libertação

A espiritualidade é algo que favorece a vida em todas as suas manifestações, sob a orientação do Espírito de Deus.

A espiritualidade da libertação de um povo certamente vai acompanhada de sofrimentos, pelo menos com a gravidade da situação de escravidão já experimentada, mas traz também a alegria e a paz com a certeza de que estão a seguir o caminho apontado por Jesus e a viver a sua vocação de filhos do Pai do Céu, na liberdade. Para que antigos escravos possam viver na liberdade e sentir-se responsáveis da sua própria vida, é preciso sujeitar-se a uma aprendizagem. Tal como sucedeu com os israelitas no deserto,

a liberdade não cai do céu, vem sempre acompanhada da tentação do desânimo e do retorno à miséria já conhecida.

Esta espiritualidade assenta numa premissa: que Deus confia que homens e mulheres se hão-de levantar e dar as mãos para construir as suas próprias vidas pondo a render todas as suas potencialidades como filhos responsáveis do Pai do Céu, cujo desígnio é, antes de mais, ver a sua imagem estampada nos seus filhos. No caso de essa imagem ter sido desfigurada de modo irreversível nalguns deles, estes têm de ser ajudados pelos outros, que por sua vez, ante a situação fatal dos colegas, se deverão sentir estimulados a redobrados esforços para modificar as estruturas que favorecem tal aviltamento da imagem do Pai nos homens seus filhos. Esta convicção teológica condena rotundamente a aceitação da pobreza como fazendo parte do desígnio de Deus. Como consequência não se pode admitir o facto de que se acumulem riquezas à custa da pobreza crescente dos já pobres, alegando que Deus assim determinou.

Um problema próprio dos católicos que vivem em países ricos é o de sentirem-se à vontade na sua experiência evangélica numa cultura que favorece a apropriação individualista dos bens. Como ser homem espiritual sem renunciar à cultura da prosperidade, é um problema próprio da espiritualidade do Primeiro Mundo. De maneira alguma podemos fechar os olhos à injustiça estrutural do nosso mundo globalizado e pretender ser homens espirituais orgulhados no nosso 'ghetto', isolados do resto do mundo. Quer queiramos quer não, cada um de nós ou é vítima do sistema global ou seu beneficiado. Como ninguém pode servir ao mesmo tempo a Deus e o Dinheiro, ser cristão exige uma opção clara sobre o partido que cada um diz ser o seu.

“não se pode admitir o facto de que se acumulem riquezas à custa da pobreza crescente dos já pobres, alegando que Deus assim determinou”

De Bíblia na mão

Esta nova espiritualidade latino-americana está relacionada com a Teologia da Libertação, quer dizer, aqueles pioneiros que ousaram exprimir em palavras tal teologia são muito conscientes de que estão a lidar com a segunda fase de um processo; a primeira fase é a experiência vivida. As comunidades não apareceram como cópias de um modelo já fabricado, mas brotaram de grupos de famílias que, talvez com a ajuda de um Agente pastoral, vindo de fora, começaram a rezar juntos, de Bíblia na mão e a descobrir a importância da mesma Bíblia para interpretar a sua situação de vida.

Nós, como Igreja, estamos a libertar-nos do peso de muitos séculos de supremacia doutrinal. A doutrina pode ser facilmente controlada pelos estranhos, mas não a experiência. É por isso que as autoridades eclesiásticas têm tido dificuldades com aqueles que dizem ter experiência espiritual: S. João da Cruz sofreu por causa da originalidade da sua experiência. Mas não foi o único. Institutos aparecidos nos últimos séculos tiveram o cuidado de retirar da circulação correntes de espiritualidade bem conhecidas e aprovadas pela Igreja. Nem é preciso referir aqui que muitos clérigos estavam convencidos de que, para as pequenas comunidades que se alimentavam da Bíblia, havia o perigo de cair na heresia se na reunião faltasse um clérigo que a orientasse.

“O discernimento feito em comunidade é o instrumento mais normal para verificar a validade das novas experiências da vida em Cristo”

O discernimento feito em comunidade é o instrumento mais normal para verificar a validade das novas experiências da vida em Cristo, quer como indivíduo quer como comunidade. Tal discernimento não compete somente à autoridade, separada do resto da comunidade. Mais uma vez, nesta fase, o papel do Espírito na comunidade é imprescindível, quer dizer os membros das diversas comunidades devem encontrar-se frequentemente, rezar juntos, partilhar experiências, aprender uns dos outros e corrigir, o mais cedo possível, os abusos que forem aparecendo.

Logo que o caminho esteja desimpedido, todos, catequistas, missionários, clérigos, religiosos e leigos devem favorecer o aparecimento destas comunidades de base. Para que possam ser úteis, os candidatos a evangelizadores devem submeter-se a uma experiência de conversão em partilha com os membros do grupo; de não ser assim, a sua actuação seria mais má do que boa. Têm de habituar-se a escutar e descobrir o que significa ser uma só coisa com os marginados, tratando de acompanhá-los na sua caminhada, que será necessariamente lenta. Não importa. Com tanto que se avance, não precisamos de guias sonhadores, muito intelectuais, desligados da espiritualidade de homens e mulheres pouco letrados. Solidarizar-se com os fracos pode ser um trauma, uma vez que as atitudes paternalistas ou materialistas não desaparecem facilmente. Mas os que forem capazes de submergir-se na espiritualidade dos deserdados, serão esses poucos que passaram por uma conversão profunda e se atreveram a empreender uma experiência de vida espiritual que antes nem sequer tinham sonhado.

“Não são muitos os agentes de pastoral capacitados para ajudar a ler a experiência humana da vida de cada dia como Palavra de Deus”

Não são muitos os agentes de pastoral capacitados para ajudar a ler a experiência humana da vida de cada dia como Palavra de Deus; os membros de uma comunidade livre de conselheiros talvez sejam capazes de tal leitura, pelo menos nos começos. Uma intuição fundamental na Igreja da América latina é que para chegar a uma sociedade justa, as estruturas económicas e políticas, tão indecentemente desequilibradas, têm de mudar radicalmente e que a acção política para conseguir tal mudança é trabalho cristão de primeira. Os que não possuam conhecimentos teológicos sobre o processo e parte da experiência à luz da fé, facilmente deixam de ser evangelizadores para se transformarem em activistas sociais. Temos de respeitar um equilíbrio nada fácil: o de conseguir aparelhar a eficácia da acção social, certamente necessária, com a convicção de que finalmente tudo é trabalho de Deus.

O escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados

É verdade que na América latina se dá o escândalo grave do fosso entre os que possuem e os deserdados, um fosso que tende a aumentar e que se deve em parte a uma cultura não criticada, nominalmente católica. Mas agora é também o continente onde aparece uma reacção evangélica, cada vez mais forte. Gentes pobres, pouco letradas, ao ler a Bíblia experimentam que Deus, em vez de se colocar ao lado dos “batalhões bem armados”, se apresenta sempre, sem excepção, ao lado dos abatidos e sem eira nem beira. Homens e mulheres humildes, descendentes de gerações cujos direitos à

posse da terra por eles ocupada nunca foram respeitados, trabalhando em grandes plantações ou em currais de animais, como se de escravos se tratasse, desempregados ou recebendo salários miseráveis, trabalhando nos subúrbios das grandes metrópoles, começaram a descobrir que aos olhos de Deus são tão dignos como os outros, mais ainda, são os seus filhos predilectos. Esta preferência, ao que parece, deve-se ao amor de Deus que não desanima até que a imagem divina, segundo a qual eles foram criados, seja restaurada e apreciada por aqueles cujas vidas nada têm que ver com essa imagem desfigurada pela exploração. Uma vez que as vítimas ganharam consciência da sua situação e gritaram por socorro, é sinal que o processo de libertação, embora longo e difícil, já teve início.

O testemunho do martírio

Até é possível que na luta pela liberdade esse sofrimento aumente de intensidade, mas a alegria do novo ideal torna esse sofrimento, talvez mesmo o martírio, suportável.

Em muitos casos o martírio não foi uma metáfora, foi mesmo morte e por razões de fé, verdadeira e teologicamente comprovável. Nalgumas nações da América Latina tem-se dado esta ironia amarga: gentes humildes, pouco letradas, tiveram de esconder a Bíblia debaixo dos adobes do chão da casa por causa da Polícia Secreta ou dos soldados dos fazendeiros 'católicos'. É que ditos espíões tê-los-iam eliminado por causa de arma tão subversiva, que ensinou aos ignorantes que eles também são sujeitos de direitos, aos olhos de Deus e que estes direitos não podem ser revogados pelo capricho de qualquer autoridade terrena. Os sofrimentos dos que foram marginalizados pelo mundo rico dos poderosos deram origem a uma nova espiritualidade. Gente pobre, que é capaz de enfrentar a morte com serenidade, se for preciso, por causa da sua dignidade aos olhos do Pai do céu, agora, novamente encontrada, vivem uma espiritualidade profunda e válida, totalmente de acordo com a melhor tradição católica. Depois do onze de Setembro de 2001, começou a aparecer no horizonte a luz duma nova convicção: que é urgente e necessário ir ao encontro de milhões de pessoas que sobrevivem na periferia do mundo rico. Unidos pelo ódio e sedentos de vingança, homens e mulheres de nações muito diversas estão a descobrir o formidável poder da morte que eles podem provocar a si mesmos e aos opressores do mundo inteiro.

“Gente pobre, que é capaz de enfrentar a morte com serenidade, se for preciso, por causa da sua dignidade aos olhos do Pai do céu, agora, novamente encontrada, vivem uma espiritualidade profunda e válida”

Uma resposta positiva, não violenta

Em vez do ódio de morte, os pobres teriam de descobrir outra resposta positiva, não violenta, que curasse os seus males; a resposta do amor e da solidariedade. Se os pobres da África, Ásia, América latina descobrirem que, aos olhos de Deus eles são os predilectos poderão fazer frente aos poderosos e lutar pelos seus direitos como seres humanos. Teresa de Calcutá conseguiu reunir em suas comunidades irmãs provenientes de culturas não cristãs, mas

todas impregnadas da espiritualidade própria do Instituto. Homens e mulheres de fé diferente da cristã, que não têm acesso à prosperidade do resto do mundo podem descobrir os seus direitos, outorgados pelo próprio Deus, usufruir dos bens materiais e dos culturais, próprios do mundo dos ricos e trabalhar por conseguir finalmente o objectivo seguinte: fazer parte dum povo que, de cara bem levantada, marcha para defender o direito à vida. Só a espiritualidade é capaz de manter factores tão antagónicos numa harmonia criativa, inspirada pelo amor.

Esta luta deveria conseguir a conversão dos poderosos, mas isso seria um fruto remoto, difícil de alcançar e que exigiria muito esforço. Para já o que poderemos esperar é que muitos pobres por amor à solidariedade terão de succumbir nas mãos dos que para, defender os seus privilégios, decidiram manter os pobres na escravidão; mesmo sem o terem desejado de modo consciente, são verdadeiros assassinos. A espiritualidade dos pobres, comunitária, mas não imposta, será o tesouro dos que forem capazes de discernir os caminhos do Espírito.

(tradução da Revista Spirituality, por Alberto dos Anjos Coelho)